

Marcas Psicológicas da Violência Doméstica contra a Mulher

Natália Zancan¹

Virginia Graciela Wassermann²

Resumo

A violência doméstica é considerada uma violação dos direitos humanos e uma questão de saúde pública. Sua forma mais comum é a perpetrada pelo parceiro íntimo, na qual é revelado o comportamento dominante do homem sobre a mulher na esfera privada, podendo causar sérios agravos na qualidade de vida das mulheres. Considerando a complexidade do problema, esta pesquisa objetivou identificar características sociodemográficas e psicológicas de quatro mulheres localizadas em uma Casa de Apoio à Mulher Vítima da Violência no estado do Rio Grande do Sul. A partir de abordagem metodológica qualitativa, trata-se de um estudo de múltiplos casos, com o uso de uma ficha de dados pessoais e sociodemográficos, Escalas Beck, Escala de Autoestima de Rosenberg e Método de Rorschach (SC). As mulheres da pesquisa apresentam baixa autoestima, quadros clínicos de ansiedade e depressão, déficits nos relacionamentos, dificuldades frente às tensões da vida cotidiana e dificuldades para expressar os seus sentimentos.

Palavras-chave: violência contra a mulher; características psicológicas; método de Rorschach.

Psychological Effects of Domestic Violence Against Women

Abstract

Domestic violence is considered a human rights violation and a public health issue. In its most common form is committed by intimate partner, in which is revealed the men's dominant behavior exercised over women in the privacy of the home and can cause serious problems in women's life quality. Considering the complexity of the problem, this research aims to identify the psychological and socio-demographic characteristics of four women located at Casa de Apoio à Mulher Vítima da Violência in the State of Rio Grande do Sul. In accordance with qualitative methodological approach, it was a study of multiple cases using the following instruments: a personal and socio-demographic data sheet, Beck Scales, Rosenberg's Self-Esteem Scale and Rorschach Method (CS). The women in the research show signs of low self-esteem, clinical anxiety and depression, lack of ability to enter relationships, difficulties facing the stresses of everyday life, and difficulties to express their feelings.

Key-words: violence against women; psychological characteristics; Rorschach method.

A violência doméstica contra a mulher é uma problemática multifacetada, que vem sendo discutida pela literatura a partir de diversos pontos de vista. Considerando suas proporções, segundo Silva, Coelho e Caponi (2007), trata-se de uma forma de violação dos direitos humanos e de um problema de saúde pública.

Minayo (2005) descreve a violência como um fenômeno complexo, que exige cuidado e atenção da área da saúde para que possa ser prevenida e tratada. Conforme a autora, a violência refere-se às noções de constrangimento, ao uso da superioridade física sobre o outro, a conflitos de autoridade, à busca pelo poder e à vontade de domínio do outro ou de seus bens.

1 Psicóloga. Estudante de pós-graduação em Terapia Cognitivo-Comportamental na Faculdade Meridional (IMED), Passo Fundo, RS. E-mail: natizancan@gmail.com

2 Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS/Capes); Especialista em Terapia de casal e Família (Domus); Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: virginiagw@yahoo.com.br

A violência não se delimita apenas aos resultados lesivos de ordem física. O “universo da expressão de violência engloba todo e qualquer ato de dominação que reduza a mulher, enquanto sujeito, à impossibilidade de expressar sua vontade e preservar sua própria identidade enquanto criatura inserida num universo desejante de amplitude verdadeiramente humana” (Tavares & Pereira, 2007, p. 418). A violência presente nos relacionamentos íntimos expressa uma dinâmica de afeto e poder, envolvendo relações de dominação e subordinação na constituição familiar

Muitas vezes a violência contra a mulher inicia ainda na infância, independente da classe social. A violência doméstica e a violência sexual são consideradas fenômenos sociais e culturais ainda limitados pelo silêncio e pela dor (Brasil, 2012). Desse modo, Monteiro e Souza (2007) referem que é imposta à mulher a condição de submissão, retratada em obediência e fidelidade na função de cuidadora do lar e de educadora dos filhos.

Considerando que na cultura atual ainda permanece a hegemonia masculina, a violência conjugal torna-se um elemento de expressão dessa configuração. Esta violação sinaliza um problema social mais grave, tendo em vista que é a violência de homens contra mulheres. Deste modo, retrata a subalternidade em uma distinção de gêneros também expressos na divisão social do trabalho em termos de circunstâncias salariais, de oportunidades profissionais, de educação dos filhos, entre outros. Nesse contexto, a ocorrência de violência contra a mulher fundamenta-se nas estruturas arcaicas ainda arraigadas em nossa sociedade (Cunha, 2008).

Nessa mesma direção, os estudos de Gomes e Diniz (2008) acerca do discurso masculino sobre as formas de violência conjugal revelam que estes homens exercem determinado poder sobre suas companheiras que limitam a liberdade quanto a trabalhar fora, ao tipo de amizade e as roupas que poderão vestir. Ainda, Deeke, Boing, Oliveira e Coelho (2009) identificam como principais motivos desencadeadores da agressão contra a mulher: o ciúme, o homem ser contrariado, a ingestão de álcool e a suspeita de traição.

É importante ressaltar que não são apenas mulheres de menor nível de escolaridade ou de baixa renda que sofrem violência doméstica. Em virtude do estresse provocado por condições precárias de vida, provindas de pouca escolaridade, desemprego ou baixo salário, presume-se que sua incidência seja maior nesse grupo. O número de denúncias no Brasil cresceu após a criação de delegacias especiais para mulheres e da divulgação de programas e ações de apoio às vítimas. Entretanto, estima-se que o número de mulheres que optam por ocultar a violência sofrida ao invés de denunciar o agressor é ainda maior. Tratando-se de mulheres com maior poder aquisitivo ou nível de instrução mais alto, são poucos os casos que chegam às delegacias. Possivelmente esta fração populacional dispõe de recursos familiares, políticos e econômicos para ocultar a violência sofrida. Tornando, portanto, os dados oficiais uma sub-representação da realidade (Rabelo & Caldas Junior, 2007; Cunha, 2008).

A violência vivida pela mulher deixa consequências não apenas físicas, mas também psicológicas e sociais (Moreira, Galvão, Melo & Azevedo, 2008). Além dos problemas emocionais de mulheres vitimadas pela violência, frequentemente são detectadas condições

graves de saúde originadas do sofrimento psicológico, tais como dores crônicas (costas, cabeça, pernas, braços etc.), síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares (Silva et al., 2007).

De acordo com Sá (2011), em pesquisas revisadas sobre características de personalidade das mulheres que sofrem violência doméstica perpetrada por seus parceiros íntimos, foram identificados traços *borderline*, dependente e esquizóide, além de apresentarem sintomas de depressão, desesperança, tendências autodestrutivas e estresse pós-traumático. De certo modo, isso sugere que determinados traços de personalidade podem estar presentes em uma parcela de mulheres vitimadas, deixando-as mais suscetíveis a escolhas conjugais danosas.

Nesse aspecto, Monteiro e Souza (2007) referem que “a vivência de violência conjugal se torna algo indecifrável, de tal modo que essas mulheres nem conseguem perceber quão violentadas se encontram” (p. 30). A compreensão expressa pelas mulheres revela a violência doméstica conjugal como um cotidiano repleto de conflitos de ordem física, sexual e psicológica, que deixa marcas como sintomas de doença disfarçados em sofrimentos morais. Ainda, expressam a vivência de violência conjugal como uma convivência encoberta pelo dominado, por carência de cuidados e afeto.

A partir do exposto, acredita-se na existência de características psicológicas que tornam algumas mulheres suscetíveis a se envolverem em situações de agressão. Assim, o objetivo deste estudo foi identificar as características sociodemográficas e psicológicas de mulheres em situação de violência perpetrada pelo parceiro íntimo.

Método

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem metodológica qualitativa a partir do estudo de casos múltiplos. Participaram quatro mulheres, localizadas por conveniência, maiores de 18 anos, independente de raça, nível socioeconômico e escolaridade, que sofreram violência doméstica cometida pelo parceiro íntimo, localizadas na Casa de Apoio à Mulher Vítima da Violência em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Meridional, a coordenadora da Casa de Apoio foi contatada para a realização deste estudo.

As mulheres foram convidadas a participar da pesquisa após o devido atendimento prestado pela Casa de Apoio. Foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), explicado detalhadamente os objetivos do estudo e esclarecido as possíveis dúvidas. Os nomes utilizados neste trabalho foram alterados para preservar a identidade das mulheres pesquisadas.

Participantes

Juliana: 34 anos de idade, nível socioeconômico baixo, com ensino fundamental incompleto. Trabalha como auxiliar de cozinha. Residia com os três filhos, o cônjuge e com a mãe há 11 anos. Sofre violência física e psicológica desde o início do relacionamento.

Cláudia: 26 anos, nível socioeconômico baixo, com ensino médio incompleto. Residia com o cônjuge há cinco anos. Sofre violência física e psicológica desde o início do relacionamento.

Taís: 32 anos, nível socioeconômico médio, com ensino fundamental incompleto. Residia com os cinco filhos e com o cônjuge há 17 anos. Sofreu violência física e psicológica. Decidiu sair de casa porque o cônjuge agrediu os filhos.

Marisa: 28 anos, nível socioeconômico médio, com ensino superior incompleto. Residia com o filho e com o cônjuge há oito anos. Trabalha como secretária. Sofreu violência física, psicológica e sexual.

Instrumentos

As participantes do estudo preencheram uma Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos para caracterização da amostra. Responderam às Escalas Beck (Cunha, 2001) para avaliar a presença e intensidade de sintomas de depressão (Inventário de Depressão Beck - BDI), ansiedade (Inventário de Ansiedade Beck - BAI), desesperança (Escala de Desesperança Beck - BHS) e ideação suicida (Escala de Ideação Suicida Beck - BSI); a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) (Dini, 2001) para avaliar o nível de autoestima; e para avaliar as características de personalidade foi utilizado o Método de Rorschach, pelo Sistema Compreensivo (Exner & Sendín, 1999). Em relação ao levantamento de dados dos instrumentos de avaliação psicológica, os protocolos foram analisados conforme os seus específicos manuais de interpretação. Para compor o sumário estrutural do Método de Rorschach, as codificações das respostas foram inseridas no software Rorschach Interpretation Assistance Program: Version 5 (RIAP5-FE) (Exner & Weiner, 2003).

Resultados e discussões

Considerando que a vivência de violência doméstica origina uma série de consequências psicológicas em suas vítimas, foram administradas as Escalas Beck para avaliar a intensidade de depressão, ansiedade, desesperança e ideação suicida, e a EAR para avaliar o nível de autoestima. Os escores podem ser visualizados na Tabela 1 a seguir:

Tabela1. Resultado das Escalas Beck e EAR das quatro participantes

Participantes	BDI	BAI	BHS	BSI	EAR
Nomes	Escore	Escore	Escore	Escore	Escore
Juliana	13	34	2	0	19
Cláudia	20	32	1	0	20
Taís	27	32	4	0	22
Marisa	18	43	3	3	22

Detalhadamente, Cláudia e Taís apresentaram níveis moderados no índice de depressão (BDI). Esses dados indicam a presença de uma autopercepção enfatizada em relação aos sintomas depressivos, existindo ampla influência do autoconceito depreciativo (Hisatugo, Yazigi & Del Porto, 2009). Ainda, foi identificada a presença de tristeza intensa, irritação, baixa autoestima, falta de esperança e de expectativas quanto ao futuro. Em relação aos sintomas fisiológicos,

os dados indicaram dificuldades para dormir, cansaço, falta de apetite e falta de interesse sexual.

Em relação à ansiedade (BAI), os resultados das quatro participantes apresentaram grave intensidade. Os sintomas que mais se destacaram foram de sensação de calor, formigamento, tremores, suor, palpitação, medo de perder o controle ou que acontecesse o pior e de morrer. No entanto, a intensidade de desesperança (BHS) das quatro mulheres da amostra apresentou níveis mínimos. Porém, em uma análise qualitativa deste instrumento, identificam-se prejuízos consideráveis em todas as participantes: Juliana e Cláudia apontaram dificuldades na resolução de problemas e revelaram a presença de falta de expectativa em relação ao futuro. Taís e Marisa referiram que não conseguem aproveitar as oportunidades, resolver as situações como desejam e também não conseguem imaginar o futuro, parecendo vago e incerto. Na escala de ideação suicida (BSI) Marisa indicou a presença de potencial suicida, sendo que houve uma tentativa de suicídio com forte desejo de morrer.

Ainda, a EAR indicou que as quatro participantes possuem baixo nível de autoestima. As mulheres da pesquisa referiram que se sentem fracassadas e não estão satisfeitas com elas mesmas, além disso, mencionaram não ter atitudes positivas e que gostariam de ter mais respeito por si. Analisando os resultados das escalas utilizadas (BDI, BAI, BHS, BSI e EAR), podemos perceber o panorama destas quatro mulheres com uma grave intensidade de ansiedade e uma diminuta estima pessoal. Além de o quadro estar agravado nos casos em que há uma moderada depressão e um risco maior de autoagressão.

É importante ressaltar que a depressão e a ansiedade são quadros clínicos relacionado com frequência na literatura especializada como consequência da violência sofrida, além de que o baixo nível de autoestima é outra característica fortemente referida (Adeodato, Carvalho, Siqueira & Souza, 2005; Amor, Echeburúa, Corral, Zubizarreta & Sarasua, 2002; Stuart, Moore, Gordon, Ramsey & Kahler, 2006). O perfil ansioso-depressivo caracteriza-se pela desesperança, negligência e isolamento social. Estes aspectos podem levar a uma profunda incapacidade de a mulher adaptar-se à vida diária e ocasionar séria influência no funcionamento habitual (Amor et al., 2002).

Adeodato et al. (2005) corroboram esses dados indicando que a depressão, a ansiedade e os sintomas fóbicos caracterizam as síndromes clínicas encontradas em mulheres vítimas de agressão, ao passo que 38% das mulheres que viveram situações de violência já pensaram em suicídio. Ainda, conforme Monteiro e Souza (2007), a fragilidade da mulher violentada sofre efeitos não visíveis em termos de isolamento, de autoestima e de autoimagem, tornando-as inseguras em relação ao seu valor.

De acordo com Hernández, Berná e Gras (2007), as relações entre os sintomas depressivos e os fatores referentes à situação de violência têm recebido atenção, considerando que a acuidade dos sintomas de depressão relaciona-se com a gravidade da violência e com o insuficiente apoio social prestado às mulheres. Além disso, a situação de violência perpetrada pelo parceiro íntimo desencadeia outras situações estressoras (violência sobre os filhos, problemas

financeiros, perda do emprego, entre outras) que reduzem a capacidade das mulheres para enfrentar a condição de violência.

Nesse sentido, Sá (2011) refere que as mulheres fragilizadas emocionalmente em decorrência da violência apresentam menos recursos para se defender e estão mais vulneráveis a aceitar a vitimização, tendo em vista que os sintomas depressivos dificultam a busca de resolução adequada para a situação. Assim, torna-se indispensável identificar as características psicológicas e de personalidade dessas mulheres e os fatores relacionados à vulnerabilidade, os quais as levam a manter relacionamentos agressivos, visando formular estratégias para a prevenção desta situação.

A respeito da personalidade não há uma definição única, tendo em vista que pode variar conforme os construtos teóricos sobre a teoria da personalidade utilizada. Hall, Lindzey e Campbell (2000) definem a personalidade como um conjunto de características psicológicas particulares que influenciam no comportamento de um indivíduo, a qual designa o que é peculiar no indivíduo e que o diferencia das outras pessoas, ou seja, é um modo de funcionamento que caracteriza o estilo do sujeito.

Para avaliar características de personalidade foram selecionadas as variáveis do Método de Rorschach, pelo Sistema Compreensivo, que se enquadram nos objetivos deste estudo: variável de afeto, de autopercepção, de relações interpessoais e de controle e tolerância ao estresse (Exner & Sendín, 1999; Nascimento, 2010).

Com base nos resultados, quanto a variável Afetiva constatou-se que as participantes deste estudo possuem um baixo nível de capacidade de expressar e vivenciar suas emoções (WSumC). Ainda, o nível de Quociente Afetivo (Afr) apresentou resultado abaixo da média, indicando a dificuldade de acessar seus sentimentos, desse modo, é representada uma inclinação a evitar entrar em contato com as situações emocionais (Nascimento, 2010; Weiner, 2000).

Dentre os componentes da variável Autopercepção, Juliana, Cláudia e Taís apresentam Índice de Egocentrismo ($Ego=3r+(2)/R$) abaixo da média, sugerindo a presença de imagem pessoal desvalorizada e que não parecem investir atenção suficiente em si mesmas ($Fr+rF=0$). A associação das respostas de Reflexo com os baixos níveis de Egocentrismo sugere a importância dos conflitos vivenciados pelas mulheres do estudo em relação a sua autoestima e sua autoimagem. Corroborando com os resultados da escala EAR no qual a baixa autoestima ficou evidente.

No entanto, Marisa apresentou Índice de Egocentrismo ($Ego=3r+(2)/R=0.63$) e respostas de Reflexo ($Fr+rF=2$) acima da média. De acordo com Nascimento (2010), "os resultados elevados não necessariamente indicam autoestima elevada, mas apenas o quanto a pessoa presta atenção em si" (p. 154). Para Sendín (1999a), normalmente o Índice de Egocentrismo se eleva pela presença de respostas de Reflexo, o que demonstra a existência de componentes narcisistas integrados na organização da personalidade, atribuindo características específicas ao funcionamento psicológico do indivíduo. Contudo, esse pode ser um componente prejudicial para o desenvolvimento da obtenção da maturidade pessoal e do equilíbrio a respeito de decisões e condutas. São indivíduos que

geralmente aumentam suas pretensões de importância social e que utilizam a racionalização, a atuação e a negação para preservar a convicção de seu valor pessoal. Também, esteve presente nos resultados a tendência a apresentar dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais significativas.

Assim, é importante ressaltar que a reação das vítimas de violência doméstica ocorre de diferentes formas, tendo em vista que a variação do perfil da personalidade das mulheres depende de fatores relacionados com a situação, como a característica do relacionamento violento, suas circunstâncias e intensidade em que ocorre, e as próprias características das mulheres (Estrellado, 2010).

Nas respostas de Forma Dimensão (FD) as mulheres do estudo apresentaram baixos níveis em suas respostas, o que, de acordo com Sendín (1999a), indica que evitam questionar aspectos próprios e se autoanalisar, tendo em vista que a baixa autoestima, sentimentos de insatisfação e tristeza aumentariam seu sofrimento psíquico.

Em relação aos Conteúdos Mórbidos (MOR), Juliana, Taís e Marisa apresentaram esta variável de resposta, sugerindo a presença de pensamento pessimista e percepção negativa de si (Nascimento, 2010; Sendín, 1999a). A percepção negativa pode estar relacionada com a ocorrência do maltrato doméstico desde o início da relação, considerando que, em média, as mulheres permanecem em um relacionamento abusivo durante um período de dez anos (Adeodato et al., 2005). Da mesma maneira, Sharhabani-Arzy, Amir e Swisa (2005) referem a relação entre baixa autocrítica de mulheres que sofreram violência e níveis elevados de dependência emocional, indicando que essa condição pode estar associada à sua permanência na relação.

Relacionado ao conjunto de variáveis de Relacionamento Interpessoal, das quatro participantes da pesquisa, Taís apresentou elevado índice de Índice de Déficit Relacional (CDI), o que sugere, de acordo com Weiner (2000), dificuldade na capacidade de enfrentamento em decorrência de um prejuízo da capacidade de funcionamento após um acontecimento debilitante. No entanto, Juliana, Cláudia e Marisa apresentaram $CDI = 3$. Assim, conforme Nascimento (2010), "quando o CDI é menor ou igual a 3, identifica uma pessoa com poucas ou sem dificuldades para administrar e sustentar suas relações interpessoais, desde que os valores de EA (Experiência Efetiva) também sejam adequados" (p. 136).

Considerando que a EA compõe índices de recursos disponíveis necessários para que o sujeito possa pôr em prática condutas deliberadas, Weiner (2000) refere que sujeitos que apresentam $EA < 6$ têm maior probabilidade de lidar de forma inadequada com as demandas da vida, obtendo poucas gratificações e êxito restrito. Desse modo, é possível identificar a vulnerabilidade das mulheres da amostra às situações de estresse e recursos insuficientes para enfrentar as demandas, tendo em vista que a EA resultou em baixos índices.

Ainda, com base nos resultados, é possível concluir que as mulheres da amostra apresentaram grande reserva em situações de proximidade emocional e procuram evitar tais acontecimentos, sobretudo os que envolvem proximidade física ($SumT=0$). O Índice

de Isolamento (Isolete/R) acima da média esperada por Cláudia e Taís sugere a presença de retraimento a contatos com o meio, menor envolvimento nas situações sociais e dificuldades em constituir relações interpessoais significativas e gratificantes. Entretanto, apesar de demonstrar dificuldades relacionais, apresentam interesse em se relacionar (SumH) (Nascimento, 2010; Sendín, 1999b). Nesse sentido, torna-se importante destacar que mulheres que sofreram agressões físicas optam por evitar relações interpessoais por se sentirem desconfortáveis em expor a situação de violência a outras pessoas (Estrellado, 2010). Correlacionando esses aspectos apresentados, percebe-se que as mulheres investigadas apresentaram interesse nas interações sociais e recorreram ao isolamento por se sentirem envergonhadas.

Em relação às variáveis de Representação Humana (GHR – Good Human Representation e PHR - Poor Human Representation), as quais são propostas para avaliar percepções humanas e características interpessoais (Nascimento, 2010), os índices das respostas das participantes da pesquisa demonstraram GHR > PHR, indicando que apresentam comportamentos sociais adequados, mesmo procurando evitar as situações sociais.

Quanto à variável de Controle e Tolerância ao Estresse, na Nota D e na Nota AdjD as mulheres pesquisadas obtiveram resultados iguais a zero, demonstrando adequada capacidade de utilizar os recursos disponíveis para enfrentar situações desencadeadoras de tensão. Entretanto, apresentaram EA e es (experiência de estimulação interna vivida pelo indivíduo) abaixo da média, o que sugere, segundo Nascimento (2010), poucas condições de manejo dos recursos pessoais em ocorrências de estresse, dificuldades frente às tensões da vida cotidiana e constituem melhor funcionamento em ambientes bem-estruturados e rotineiros. Apresentaram, todavia, menor eficácia do que os demais quando aumenta a tensão em seu meio.

Embora não estejam diretamente ligadas aos objetivos desta pesquisa, considerou-se a necessidade de incluir no estudo outras três variáveis – Lambda, Estilo EB e número de respostas de um protocolo (R) –, pois são referidas pela literatura especializada como Variáveis Confundidoras, ou seja, podem interferir significativamente nos valores dos índices obtidos com o Método de Rorschach comprometendo, assim, os resultados (Nascimento, 2010).

Na presente pesquisa, duas mulheres apresentaram valores altos de Lambda (média de 1,40). Comparando com os resultados dos estudos de Sá (2011), sua amostra também apresentou Lambda alto, com uma média de 1,37. Desse modo, a autora refere que são “pessoas com um estilo de personalidade que tende a minimizar ou a ignorar aspectos do campo estimular, e que, provavelmente, possuem um estilo de vida restrito e inflexível, evitando o enfrentamento das situações estressantes” (p. 60). Ainda, pode significar que as participantes do estudo sentem certa relutância em se envolver em situações complicadas ou potencialmente estressoras, ou seja, evitam as suas emoções respondendo aos estímulos de forma intelectualizada ou racional.

O Tipo de Vivência (EB) corresponde ao estilo de tomada de decisão do indivíduo de acordo com a forma como se percebe e interage

com o meio (Santos, 2009). Em relação ao tipo de vivência, as mulheres da pesquisa apresentaram estilo Introversivo. Indivíduos Introversivos preferem não processar seus sentimentos enquanto buscam as possíveis alternativas para a solução dos seus problemas e demonstram pensar mais do que agir (Nascimento, 2010).

Referindo-se ainda às Variáveis Confundidoras, o número total de respostas (R) dos quatro protocolos apresentaram número suficiente de respostas para fornecer informações confiáveis e sustentar interpretações válidas. Deste modo, mostra-se importante ressaltar que as Variáveis Confundidoras não interferiram nos demais resultados da presente pesquisa (Exner, 1999; Weiner, 2000).

Considerações Finais

Conforme os resultados obtidos por meio dos métodos avaliativos, identificou-se que as mulheres da pesquisa apresentam déficits nos relacionamentos, dificuldades frente às tensões da vida cotidiana e dificuldades para expressar os seus sentimentos, tendendo a evitar situações emocionais. Também apresentam vulnerabilidade às situações de estresse e recursos insuficientes para enfrentar as demandas da vida. Ainda, apresentam baixo nível de autoestima e quadros clínicos de ansiedade e depressão. Logo, podemos constatar que a violência doméstica representa um forte fator de risco para a saúde mental de suas vítimas.

Entretanto, como citado anteriormente, determinadas características de personalidade são comuns às mulheres vitimadas pela violência, podendo deixá-las mais vulneráveis a relacionamentos conjugais danosos, ou, em contrapartida, os traços de personalidade podem provir como uma forma de a mulher se adaptar à realidade em que se encontra (Sá, 2011).

As características psicológicas e de personalidade também se relacionam à vivência reiterada de violência, tendo em vista que causam sérias consequências em diferentes aspectos da vida dessas mulheres, seja na vida social, seja no trabalho e na relação com os filhos. No entanto, as marcas resultantes da vivência de violência cometida pelo parceiro íntimo acabam afetando sua autoestima e sua autoimagem, deixando-as fragilizadas e mais propensas a aceitar agressões.

Com base no exposto, é visto que o maltrato, as humilhações, as agressões físicas, sexuais ou psicológicas contra a mulher podem causar-lhes consequências danosas (Tavares & Pereira, 2007). Desse modo, a compreensão do estado psicológico das mulheres maltratadas por seus parceiros pode auxiliar em programas de intervenção que busquem a elaboração de estratégias eficazes de tratamento para que as mulheres possam se fortalecer e não aceitar a situação de violência. Considerando a diversidade das manifestações de violência, é importante ampliar o espaço de discussão e estudos, visando fornecer um melhor conhecimento sobre a violência doméstica e suas consequências, colaborando para sua prevenção.

Referências Bibliográficas

- Adeodato, V. G., Carvalho, R. R., Siqueira, V. R. & Souza, F. G. M. (2005). Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Rev. Saúde Pública*, 39 (1), 108-113.
- Amor, P. J., Echeburúa, E., Corral, P., Zubizarreta, I. & Sarasua, B. (2002). Repercusiones psicopatológicas de la violencia doméstica en la mujer en función de las circunstancias del maltrato. *Revista Internacional de Psicología Clínica y de la Salud*, 2 (2), 227-246.
- Brasil. Ministério da Saúde. O que é a violência contra a mulher? Disponível em http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33903. Acesso em março, 28, 2012.
- Cunha, J. A. (2001). Manual da versão em português das Escalas Beck. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cunha, T. R. A. (2008). Violência conjugal: os ricos também batem. *UEPG Humanas*, 16 (1), 167-176.
- Deeke, L. P., Boing, A. F., Oliveira, W. F. & Coelho, E. B. S. (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde Soc.*, 18 (2), 248-258.
- Dini, G. M. (2001). Adaptação cultural, validade e reprodutibilidade da versão brasileira da escala de autoestima de Rosenberg. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Estrellado, A. F. (2010). Assessing the personality profile of battered women. *The Assessment Handbook*, 4 (1), 58-76.
- Exner, J. E. (1999). Manual de Classificação do Rorschach – Para o Sistema Compreensivo. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E. & Sendín, C. (1999). Manual de Interpretação do Rorschach – Para o Sistema Compreensivo. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. E., Weiner, I. B. (2003). Rorschach interpretative assistance program (RIAP 5). Psychological Assessment Resources, Inc. Softwer.
- Gomes, N. P. & Diniz, N. M. F. (2008). Homens desvelando as formas da violência conjugal. *Acta Paul Enferm.*, 21 (2), 262-267.
- Hall, C. S., Lindzey, G. & Campbell, J. B. (2000). Teorias da Personalidade. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Hernández, R. P., Berná, F. J. C. & Gras, R. M. L. (2007). Depresion en mujeres maltratadas: relaciones con estilos de personalidad, variables contextuales y de la situación de violencia. *Anales de Psicología*, 23 (1), 118-124.
- Hisatugo, C. L. C., Yazigi, L. & Del Porto, J. A. (2009). Cognição, Afeto e Relacionamento Interpessoal de Mulheres com Transtorno Afetivo Bipolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (3), 377-385.
- Minayo, M. C. S. (2005). Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* (p. 9-42). Brasília.
- Monteiro, C. F. S. & Souza, I. E. O. (2007). Vivência da Violência Conjugal: Fatos do Cotidiano. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, 16 (1), 26-31.
- Moreira, S. N. T., Galvão, L. L. F., Melo, C. O. M. & Azevedo, G. D. (2008). Violência física contra a mulher na perspectiva de profissionais de saúde. *Rev. de Saúde Pública*, 42 (6), 1053-1059.
- Nascimento, R. S. G. F. (2010). Sistema Compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rabello, P. M. & Caldas Junior, A. F. (2007). Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. *Rev. de Saúde Pública*, 41 (6), 970-978.
- Sá, S. D. (2011). Características Sociodemográficas e de Personalidade de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Santos, S. C. G. (2009). Avaliação da personalidade de gerentes de alto desempenho por meio do método de Rorschach. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Sharhabani-Arzy, R., Amir, M. & Swisa, A. (2005). Self-criticism, dependency and posttraumatic stress disorder among a female group of help-seeking victims of domestic violence in Israel. Personality and Individual Differences, 38, 1231-1240.
- Sendín, C. (1999a). Autopercepção. In J. E. Exner & C. Sendín. (Orgs). Manual de Interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo (pp. 143-156). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sendín, C. (1999b). Relações Interpessoais. In J. E. Exner & C. Sendín. (Orgs). Manual de Interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo (pp. 163-169). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- Silva, L. L., Coelho, E. B. S. & Caponi, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. Interface - Comunic., Saúde, Educ., 11 (21), 93-103.
- Stuart, G. L., Moore, T. M., Gordon, K. C., Ramsey, S. E. & Kahler, C. W. (2006). Psychopathology in women arrested for domestic violence. Journal of Interpersonal Violence, 21, 376-389.
- Tavares, F. A. & Pereira, G. C. (2007). Reflexos da dor: contextualizando a situação das mulheres em situação de violência doméstica. Revista Textos & Contextos, 6(2), 410-424.
- Weiner, I. B. (2000). Princípios da Interpretação do Rorschach. São Paulo: Casa do Psicólogo.

<i>Recebido em:</i>	03/04/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	18/04/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	07/06/2013
<i>Aprovado em:</i>	13/06/2013
<i>Editor responsável:</i>	Vinícius Renato Thomé Ferreira